

## LEITURA LITERÁRIA: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO

Ivanda Maria Martins Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Muitos estudos têm sido desenvolvidos sobre as conexões entre Literatura e Análise do Discurso. A obra literária instaura um jogo dialógico entre autor e leitor, marcado pelos implícitos que desafiam constantemente a imaginação dos leitores no processo de reconstrução textual. Pretende-se abordar a leitura literária como ato de coenunciação, percebendo o papel dinâmico do leitor nos processos de construção de sentidos a partir dos vestígios e indícios textuais indicados pelo autor. O principal objetivo deste artigo é contribuir para uma reflexão crítica sobre a leitura literária como ato cooperativo, no qual autores e leitores estão envolvidos numa relação dialógica. O ato de ler torna-se uma espécie de coenunciação, considerando algumas noções discutidas pela Análise do Discurso. Algumas abordagens (MAINGUENAU, 1996; BAKHTIN, 1993; WARNING, 1979; DELCROIX e HALLYIN, 1987; ECO, 1985) serão revisitadas, no sentido de ampliar as reflexões sobre leitura literária, reconhecendo-se as possíveis conexões entre literatura e análise do discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; leitura; Análise do Discurso.

**ABSTRACT:** Many studies have been developed about the relationship between Literature and Discourse Analysis. The literature establishes a dialogical game between writer and reader characterized by implicit that constantly challenge the readers' imagination in the textual reconstruction process. This paper intends to discuss the literary reading as cooperative enunciation event considering the dynamic reader's role in the meaning constructing process from textual traces and clues given by the author. The main objective is to contribute to a critical reflection about the literary reading as a cooperative event in which writers and readers are involved in a dialogic relationship. The reading act becomes a kind of cooperative enunciation considering some notions discussed by discourse analysis. Some approaches (MAINGUENAU, 1996; BAKHTIN, 1993; WARNING, 1979; DELCROIX and HALLYIN, 1987; ECO, 1985) will be revisited toward to the discussion about literary reading recognizing the possible connections between literature and discourse analysis. **KEYWORDS:** Literature; reading; Discourse Analysis.

### 1. Introdução

Literatura e Análise do Discurso: é possível articular essas duas áreas? Como a Análise do Discurso pode contribuir para redimensionar as reflexões sobre a leitura literária?

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras (UFPE); docente Adjunto I da UFRPE-Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia. E-mail: martins.ivanda@gmail.com

Esses questionamentos iniciais nos motivaram a buscar refletir sobre possíveis conexões entre Literatura e Análise do Discurso, reconhecendo a leitura literária como processo de (re)construção textual em que autores, textos e leitores estão em constante diálogo. Para entendermos esse diálogo, é preciso considerar a importância de alguns elementos, tais como: contexto, contrato comunicativo, noção de gênero, diálogo entre enunciado-enunciação, interação texto-leitor, além de diversos outros fatores estreitamente imbricados no processo de construção de sentidos no ato da leitura literária.

O presente estudo busca contribuir para ampliar o debate sobre a leitura literária como ato cooperativo, no qual autores e leitores estão envolvidos numa relação dialógica. O ato de ler torna-se uma espécie de coenunciação, considerando algumas noções discutidas pela Análise do Discurso. Algumas abordagens de diferentes autores (MAINGUENAU, 1996; BAKHTIN, 1993; WARNING, 1979; DELCROIX e HALLYIN, 1987; ECO, 1985) subsidiarão as reflexões propostas, reconhecendo-se as possíveis conexões entre Literatura e Análise do Discurso.

## **2. Literatura e Análise do Discurso: diálogos possíveis**

A Análise do Discurso (AD) trouxe contribuições significativas para os estudos literários ao investigar as condições sociais de produção, funcionamento e de recepção da leitura, principalmente se considerarmos o enfoque de Orlandi (1999), no campo da Linguística, e de Maingueneau (1996a), no âmbito da Literatura.

Inicialmente orientada para os avanços na área da Linguística, a Análise do Discurso investigou as noções de sujeito, memória discursiva, gêneros do discurso, as relações discurso/interdiscurso, além de vários outros pontos ainda passíveis de críticas e investigações.

Na Análise do Discurso, as noções de contexto enunciativo e de contrato comunicativo são fundamentais para entendermos a leitura como “momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação” (ORLANDI, 1999, p.47-48).

Durante algum tempo, a significação foi objeto de investigações incessantes que ora privilegiavam o autor, ora abordavam o leitor, como agentes responsáveis pela construção das redes de sentidos. Após vários estudos, privilegia-se o espaço da interação como fundamental na construção, negociação e reconstrução de sentidos, destacando-se o interdiscurso e a interação verbal como determinantes nas discussões sobre a significação.

Conforme Orlandi (1999, p.48): “[...] é na sua interação que os interlocutores instauram o espaço da discursividade. Autor e leitor confrontados definem-se em suas condições de produção e os fatores que constituem essas condições é que vão figurar o processo de leitura”.

Posteriormente repensada e aplicada aos estudos literários, a Análise do Discurso apresenta-se como disciplina solidária à Literatura e à Teoria Literária, tendo como um dos representantes de destaque a figura de Maingueneau (1993; 1996a). Maingueneau (1996 a) traça considerações importantes sobre o papel decisivo desempenhado pelo destinatário na interpretação dos enunciados e na produção da significação. A leitura é focalizada como ato de (co)enunciação, tendo em vista o caráter dialógico instaurado entre autor e leitor na negociação de sentidos que a obra literária pode sugerir.

Na abordagem de Maingueneau (1996b, p.05):

Todo enunciado, antes de ser esse fragmento de língua natural que o linguista procura analisar, é o produto de um acontecimento único, sua enunciação, que supõe um enunciador, um destinatário, um momento e um lugar particulares. Esse conjunto de elementos define a situação de enunciação.

Observa-se que Maingueneau (1996b) define a enunciação como processo de funcionamento da língua, interligado ao enunciado – objeto linguístico resultante. A noção de enunciação revela consequências significativas aos estudos na área da Análise do Discurso e da Pragmática.

No campo da Análise do Discurso, Charaudeau também desenvolve comentários relevantes sobre a relação entre o linguístico e o situacional na construção da significação. Conforme Charaudeau (*In*: CARNEIRO, 1996, p.02):

A significação discursiva, pode-se afirmar, é uma resultante. Uma resultante de dois componentes dos quais um pode ser denominado linguístico, já que opera com material verbal (a língua), sendo ele mesmo estruturado de maneira significante segundo os princípios de pertinência que lhe são próprios e outro, situacional, já que opera um material psicossocial, testemunha dos comportamentos humanos, que colabora na definição dos seres ao mesmo tempo como atores sociais e como sujeitos comunicantes.

Nessa perspectiva, a construção do sentido não se concretiza apenas na relação língua/mundo, mas numa relação triangular que considera a intersubjetividade dos sujeitos interlocutores no espaço da interação verbal em diálogo com o contexto situacional.

A distinção entre enunciado e enunciação é significativa quando consideramos a estrutura pragmática do discurso ficcional. Conforme Warning (1979, p.322), o discurso ficcional se define pragmaticamente pela simultaneidade de duas situações: uma situação

interna de enunciação entre locutor e ouvinte ficcionais e uma situação externa de enunciação entre locutor real (autor) e destinatário real (leitor). Nessa perspectiva, o diálogo entre falante e ouvinte ficcionais pode guiar a interação mais ampla que se concretiza no plano do mundo empírico entre autor-leitor, visto que as estratégias de leitura se inscrevem na própria organização textual, promovendo uma interação constante entre o plano interno de enunciação e o externo, como propôs Warning (1979).

Ryan (1981) estuda o texto ficcional como um ato de representação. Nesse processo de representação, o falante real (autor) finge ser o falante substituto (narrador) e estabelece um contrato de cumplicidade com o ouvinte real (leitor), sendo este convidado a aceitar o papel de ouvinte substituto (narratário). Assim, narrador e narratário instauram um diálogo no mundo da ficção que orienta a interação mais ampla, no mundo empírico, entre autor e leitor.

Conforme Prince (1986, p.24): “o narratário é um dos elementos fundamentais de toda narração”. Segundo o autor, em todas as narrações há um diálogo entre narrador/narratário e personagens que se desenvolve em função da distância que separa cada um dos componentes da narrativa.

Ainda de acordo com Prince (1986), o narratário pode assumir diversas funções na narrativa, dentre as quais podem ser destacadas duas: mediação e caracterização. O narratário pode assumir a função de mediação do diálogo entre narrador-leitor, ou da interação autor-leitor, além da função de caracterização das personagens. As relações entre narrador-narratário são, muitas vezes, desenvolvidas de modo irônico e o leitor não pode interpretar literalmente as afirmações presentes no texto. Num outro nível de interação, cada autor desenvolve sua narrativa em função de um certo tipo de leitor, idealizado com base no conhecimento partilhado e no repertório de cada um.

Para ser decifrado, o texto exige que o leitor instituído seja cooperativo, isto é, seja capaz de construir a significação a partir das pistas que o texto sugere. Conforme Eco (1993, p.57):

O texto postula a cooperação do leitor como condição própria de sua atualização. [...] Um texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do seu próprio mecanismo generativo: gerar um texto significa atuar segundo uma estratégia que inclui as previsões do movimento do outro.

Essa atividade cooperativa não se refere às intenções do escritor, mas às indicações oferecidas pelo texto por sua conformação e suas prescrições virtuais de decifração. Mesmo que não tenha consciência disso, o autor deve presumir que o leitor colaborará para superar a reticência do texto, isto é, os vazios que serão preenchidos no processo de construção dos sentidos. O objetivo do analista é, então, estudar

a atividade cooperativa que leva o destinatário a tirar do texto o que o texto não diz, mas pressupõe, promete, implica ou implícita, a preencher espaços vazios, a ligar

o que existe nesse texto com o resto da intertextualidade, de onde ele nasce e onde ele irá se fundir.

(ECO, 1985, *apud* MAINGUENEAU, 1996a, p.39).

Ao abordar a leitura como (co)enunciação, Maingueneau (1996a) defende que a concepção estratégica da leitura, por meio de recursos como antecipações e retroações, mobiliza mais conhecimentos não-linguísticos do que propriamente linguísticos. Segundo Maingueneau (1996a, p.43): “para abordar um texto, o leitor se apóia em primeiro lugar num conhecimento, por menor que seja, do contexto enunciativo”. Esse contexto enunciativo envolve noções como gênero, código da língua, relações intra e intertextuais, conhecimento de mundo, experiências prévias de leitura, enfim, uma gama de elementos que constrói o repertório do receptor, bem como o do emissor.

Conforme Otten (*In: DELCROIX e HALLYIN, 1987*), nas modernas abordagens sobre a leitura, a discussão sobre o sentido da obra explora o resultado da interação entre dois textos: o *texto a ser lido* e o *texto do leitor*. O ato da leitura é um processo, em que o leitor-texto, a partir de sua consciência, de seus códigos, reage a certas configurações do texto que ele reconhece ou crê reconhecer. Esse reconhecimento é resultado de todo um trabalho de ajustes em direção à interpretação final. De acordo com tal proposta, uma teoria global da leitura deveria analisar a descrição de três campos difíceis de distinguir, pois estão em interação constante:

1. O texto por si só, como conjunto de significantes a ser interpretado;
2. O texto do leitor ou o leitor como texto;
3. O reencontro do texto e de seu leitor, isto é, o processo de significação.

No primeiro nível, o texto a ser lido ativa a noção de gêneros textuais que apela para as competências linguística e retórico-cultural do leitor, além de instaurar um pacto de leitura. As unidades semânticas, reconhecimento de títulos e subtítulos, como também a organização das unidades textuais mais amplas são aspectos que se enquadram nesse primeiro nível.

No segundo nível, o *texto do leitor* ou o *leitor como texto*, o conhecimento dos contratos e programas narrativos próprios dos gêneros e subgêneros literários, bem como a enciclopédia do leitor (*background*), que envolve conhecimentos linguísticos, culturais, intertextuais e outros, são elementos determinantes no ato da leitura.

O terceiro nível ocorre justamente a partir do diálogo entre o texto a ser lido e as experiências prévias dos leitores. Esses três níveis estão imbricados e organizam um pacto de leitura entre autor-leitor, tendo como mediação o próprio texto, cuja organização impõe certos limites à interpretação final dos leitores.

Segundo Eco (1999, p. xxii):

[...] dizer que um texto é potencialmente sem fim não significa que todo ato de interpretação possa ter um final feliz. [...] Isto significa que o texto interpretado impõe restrições a seus interpretes. Os limites da interpretação coincidem com os direitos do texto (o que não quer dizer que coincidam com os direitos de seu autor).

A organização interna do texto impõe certos limites interpretativos ao receptor, limites estes formulados voluntária ou involuntariamente pelo autor. No caso da leitura literária, buscar a intencionalidade original do autor parece-nos algo pouco acessível, visto que a organização interna da obra já revela marcas deixadas pelo emissor do texto e cabe ao leitor tentar recuperar, a partir do dito, o que está subentendido (o não-dito). Como os repertórios do autor e do leitor são distintos e, no caso da leitura literária, muitas vezes emissor e receptor pertencem a contextos espaço-temporais distantes, a intenção do autor nem sempre coincide com as expectativas de intenção do leitor, pois a polissemia da obra literária sugere variabilidades de leitura, de acordo com as pistas textuais.

É importante salientar a importância do contrato comunicativo estabelecido entre autores e leitores a partir da noção de gênero como elemento determinante na recepção textual, como observaremos a seguir.

### **3. Do contrato comunicativo: a noção de gênero na recepção textual**

A noção de gênero é fundamental quando investigamos a recepção do texto sendo condicionada por fatores que influenciam o contrato comunicativo estabelecido entre autores e leitores.

No mundo dinâmico da sociedade da informação, caracterizado pelas inovações tecnológicas, o leitor parece preferir a leitura de gêneros mais curtos que se multiplicam rapidamente no ciberespaço, nas redes sociais e nos novos suportes de interação. Atualmente, configura-se uma tendência de os leitores, em geral, preferirem gêneros que investem na brevidade, tais como: contos, crônicas, poemas digitais, foto-poema, cybernarrativas, além de vários outros. Esses gêneros começam a assumir uma posição de destaque em relação às narrativas mais longas, como o romance.

A crescente aceitação de certos gêneros literários está intimamente imbricada ao ritmo de vida da modernidade em que o leitor prefere ler textos de um só fôlego a muitas vezes interromper a leitura de longos romances, textos que exigem um maior tempo dedicado à leitura.

O conto é um gênero literário que se adapta rapidamente às circunstâncias atuais, pela capacidade de representar um rápido "flash" de uma cena do cotidiano moderno com forte

teor fragmentário. Talvez por esse caráter de *flash* e fragmentação, o conto esteja sendo tão amplamente explorado pelos escritores contemporâneos que encontram nele uma expressão literária ideal para representar a era em que vivemos.

As maneiras como o individualismo e a competitividade destacam-se no atual contexto social, a velocidade dos fatos e a extraordinária rapidez com que as notícias chegam até nós são possíveis fatores da crescente aceitação do conto no contexto atual. Dessa forma, os autores contemporâneos encontram no conto o veículo adequado para exprimir a rapidez com que tudo se altera no mundo moderno.

De acordo com D'Onofrio (1999, p.122):

Na modernidade, o conto é a forma narrativa mais cultivada, porque melhor responde à exigência da rapidez, própria da era da máquina: poucos leitores, hoje em dia, solicitados pelos atuais meios de comunicação cultural (rádio, televisão, videocassete, cinema, teatro), têm a paciência de ler um longo romance.

Ainda observando a relação entre narrativa breve e o contexto em que vivemos, Aubrit (1997, p.152) afirma que a novela está mais apta que o romance a restituir nossa concepção fragmentada do real. Conforme o autor, citando também o ponto de vista de outros estudiosos (G.K.CHESTERTON, VIEGNES), a tendência atual de os leitores preferirem gêneros como a novela ou o conto não é um epifenômeno, mas sim um indício de um sentido real da fugacidade e da fragilidade da vida humana. Isso significa que a narrativa curta, como o conto moderno, por exemplo, é uma maneira de revelar as incertezas do homem diante da fragmentação do mundo atual.

Enquanto forma elíptica, segundo Aubrit (1997, p.149), repleta de lacunas que apresentam um forte valor sugestivo e dramático, a narrativa breve convida o leitor a prolongar a história, provocando um apelo à imaginação do receptor. Mais que qualquer outra forma literária, a narrativa curta provoca uma "ressonância fecunda no espírito do leitor". (AUBRIT, 1997, p.150).

O conhecimento do gênero cria expectativas no leitor e sugere como o receptor pode desenvolver sua leitura. Conforme Maingueneau (1996 a, p.140): “[...] sabendo diante de qual gênero está, o público estrutura suas expectativas de acordo com ele”. A noção de gênero envolve o conhecimento partilhado entre autor-leitor por meio da interação, na qual o primeiro constrói as pistas para que o receptor participe dinamicamente do ato da leitura.

Bakhtin (1992) estuda os gêneros do discurso, classificando-os em primários e secundários. Os gêneros primários são aqueles que usamos nas situações comunicativas cotidianas, ao passo que os gêneros secundários são científica ou artisticamente elaborados. Conforme Bakhtin (1992, p.281):

Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea.

Na abordagem bakhtiniana, o gênero não pode ser compreendido apenas como produto de uma elaboração formal, com características estruturais próprias. Nesse sentido, o gênero deve ser estudado no diálogo com o contexto histórico-social em que produtores e receptores definem contratos comunicativos por meio da aceitação ou da negação de determinados gêneros. Como afirma Todorov (1981, p.130), “para Bakhtin, o gênero comporta uma dimensão histórica: ele não é simplesmente uma interseção de propriedades sociais e formais, mas um fragmento da memória coletiva”.

Na abordagem de Maingueneau (1995, p.122):

Suporte de um ato de discurso socialmente reconhecido, a obra é enunciada através de uma instituição, no caso, um gênero de discurso determinado que ele próprio, num nível superior, mobiliza essa vasta instituição que é a literatura. As condições de enunciação vinculadas a cada gênero correspondem a outras tantas expectativas do público e antecipações possíveis dessas expectativas pelo autor.

Percebe-se que o gênero mobiliza tanto o enunciador como o leitor que participa como coenunciador pelo trabalho de (re)construção das pistas textuais e da significação da obra no ativo processo da recepção textual.

No atual contexto em que vivemos, as tecnologias da informação e comunicação (TIC) se desenvolvem rapidamente e as constantes inovações da internet e das redes sociais promovem uma fragmentação de textos veiculados pela rede, textos construídos pela colagem de diversos tipos de textos, ampliando relações intra e intertextuais na produção de *homepages*, hipertextos unidos por *links* que orientam as estratégias de leitura dos internautas. Os gêneros começam a se adaptar a essa situação em que o ritmo acelerado de vida exige novas práticas de leitura, que certamente privilegiam textos mais curtos e com o predomínio da iconicidade.

Diante das novas estratégias comunicativas reveladas na era virtual, a literatura também dialoga com tal contexto e alguns gêneros literários começam a ser mais assimilados pelos leitores, de um modo geral. O conto e a crônica, por exemplo, assumem a uma posição de destaque na produção literária contemporânea. Os autores buscam flagrar momentos do cotidiano moderno e investem na brevidade, na economia dos meios narrativos, a fim de representar simbolicamente a era em que vivemos, marcada pela rapidez e pelo automatismo.

#### 4. Considerações finais

Qualquer obra literária instaura uma duplicidade enunciativa, na qual o contexto comunicativo representado no universo ficcional nos convida, enquanto leitores, a participar da leitura, buscando ler as entrelinhas, percebendo os diálogos repletos de subentendidos entre narradores-narratários, desconfiando das personagens, enfim, entendendo a Literatura como espécie de jogo em que os autores criam formas de persuadir os leitores e dissimulam os contratos comunicativos.

A enunciação representada na obra dialoga com a interação entre autor e leitor, na qual a leitura ganha relevância como processo que exige o trabalho cooperativo do receptor. Este atua como coenunciador do texto, atualizando as pistas textuais deixadas pelo autor no universo textual.

No contexto atual, os pactos de leitura precisam ser reavaliados, pois a interação entre autor-leitor se ajusta às exigências dos meios modernos de comunicação, em que escritores usam recursos interativos na produção de textos e percebem os leitores como agentes dinâmicos no processo de reconstrução do texto a partir da leitura.

#### 5. Referências bibliográficas

AUBRIT, J.P. **Le Conte et la Nouvelle**. Paris: Armand Colin, 1997.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. São Paulo: Unesp, 1993.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre Literatura e História da Cultura. V.1. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRANDÃO, H. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1996.

CHARAUDEAU, P. Para uma Nova Análise do Discurso. *In*: CARNEIRO, A.D. (Org.) **O Discurso da Mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

D'ONOFRIO, S. **Teoria do Texto**. v.1. São Paulo: Ática, 1999.

ECO, H. **Leitura do Texto Literário**. Lisboa: Presença, 1993.

- \_\_\_\_\_. **Os Limites da Interpretação.** São Paulo: Perspectiva, 1999.
- FEHÉR, F. **O Romance Está Morrendo?** São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler.** São Paulo: Cortez, 1995.
- GOTLIB, N. B. **Teoria do Conto.** São Paulo: Ática, 1989.
- ISER, W. **O Ato da Leitura.** São Paulo: ed.34, v.1. 1996.
- \_\_\_\_\_. The Significance of Fictionalizing. **Anthropoetics:** the Eletronic Journal of Generative Anthropology. v.3, n.2, 1998. Disponível em: <  
<http://www.humnet.ucla.edu/humnet/anthropoetics/>.
- MAINGUENEAU, D. **Pragmática para o Discurso Literário.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Elementos de Linguística para o Texto Literário.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O Contexto da Obra Literária.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Novas Tendências em Análise do Discurso.** Campinas, SP: Pontes, 1993.
- ORLANDI, E. P. A Produção da Leitura e suas Condições. *In:* BARZOTTO, V.H. (Org.) **Estado de Leitura.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.
- OTTEN. Sémiologie de la Lecture. *In:* DELCROIX, M.; HALLYN, F. **Introduction aux Études Littéraires:** méthodes du texte. Belgium : Duculot, 1987, p.340-350.
- PRINCE, G. Introduction to the Study of the Narrative. *In:* TOMPKINS, J. (ed.). **ReaderResponse Criticism:** from formalism to Post-structuralism. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1986.
- RYAN, M. L. The Pragmatics of Personal and Impersonal Fiction. **Poetics.** V.10. n.06. North-Holland, dec, 1981. p.517-539.
- SILVA, E.T. **Leitura na Escola e na Biblioteca.** Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Criticidade e Leitura.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- TODOROV, T. **Mikhail Bakhtine:** le prince dialogique. Paris: Seuil, 1981.

WARNING, R. Pour une Pragmatique du Discours Fictionnel. **Poétique**. n.39. 1979.  
p.321352.

